

SOZINHA NAS LETRAS: A SOLIDÃO ESSENCIAL DE CLARICE LISPECTOR NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE *A HORA DA ESTRELA*¹

Aline de Souza Barreto², Maria das Graças Fonseca Andrade³

RESUMO

Este resumo apresenta um recorte do projeto de pesquisa “Edição Crítica de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector”. Neste momento da pesquisa, analisamos a solidão enfrentada por Clarice Lispector no processo de criação da obra *A hora da estrela*, publicada em 1977, e alegada no relato contido no ensaio “Diante da solidão de Clarice” (2020). A atual pesquisa se realizou por meio de um levantamento bibliográfico e, além do ensaio de Ana Maria Machado (2020), o *corpus* é constituído por trechos da obra *A hora da estrela* (2017), e um arcabouço teórico composto pelos escritores Roland Barthes (2017) e Maurice Blanchot (1987). Além disso, recorreremos às percepções da escritora Marguerite Duras (1994) sobre o processo da escrita como uma experiência solitária. À guisa de conclusão, observamos que as dificuldades relatadas por Clarice Lispector, sozinha no próprio processo de criação, são aquelas impostas pela solidão essencial do autor diante da exigência da escrita, da qual nos fala Blanchot (1987). Essa solidão aparece em trechos de *A hora da estrela* através do personagem-narrador-autor, Rodrigo S. M., que assimila a própria solidão como uma imposição e uma necessidade para o ato de escrever.

PALAVRAS-CHAVE: *A hora da estrela*, Clarice Lispector, escrita, solidão.

SOLITARY IN THE LETTER: THE ESSENTIAL SOLITUDE OF CLARICE LISPECTOR IN THE CREATIVE PROCESS OF *THE HOUR OF THE STAR*

ABSTRACT

This summary presents an excerpt from the research project “Critical Edition of *The hour of the star*, by Clarice Lispector”. At this point in the research, we analyze the solitude faced by Clarice Lispector in the process of creating the work *A hora da estrela*, published in 1977, and alleged in the report contained in the essay “Facing Clarice's Solitude” (2020). The current research was carried out through a bibliographical survey and, in addition to the essay by Ana Maria Machado (2020), the *corpus* consists of excerpts from the work *A hora da estrela* (2017), and a theoretical framework composed by the writers Roland Barthes (2017) and Maurice Blanchot (1987). In addition, we resort to the perceptions of the writer Marguerite Duras (1994) about the writing process as a solitary experience. By way of conclusion, we observe that the difficulties reported by Clarice Lispector, solitary in the creation process itself, are those imposed by the essential solitude of the author, of which Blanchot (1987) tells us, in the face of the requirement of writing. This loneliness appears in excerpts from *The hour of the star* through the character-narrator-author Rodrigo S. M. who assimilates his own solitude as an imposition and a necessity for the act of writing

¹Pesquisa realizada no âmbito do projeto “Edição Crítica de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector”, financiado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

²Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus Vitória da Conquista. Bolsista de Iniciação Científica/UESB. E-mail: 201912230@uesb.edu.br.

³Orientadora do Projeto de pesquisa que deu origem a este trabalho. Professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL/UESB). E-mail: maria.andrade@uesb.edu.br.

KEYWORDS: *The hour of the star*, Clarice Lispector, writing, solitude.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma continuação da pesquisa “Estrela solitária: impasses no processo de criação de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector”, realizada no âmbito do projeto “Edição Crítica de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector”, durante a vigência anterior (2021/2022) do Programa de Iniciação Científica. Naquela vigência, tratamos das dificuldades alegada pela autora Clarice Lispector para lidar com o seu próprio processo de escrita fragmentária na criação da obra *A hora da estrela*.

Durante a atual vigência (2022/2023), a pesquisa seguiu com o intuito de analisar a solidão da autora no processo de criação da obra *A hora da estrela*, a partir de uma confissão feita à também escritora Ana Maria Machado, em que diz estar “mais sozinha do que pensava (...) mais sozinha do que nunca” (MACHADO, 2020). Tal revelação, que utilizamos como ponto de partida para o nosso estudo, foi relatada por Ana Maria Machado no ensaio intitulado “Diante da solidão de Clarice”, publicado em 2020 pela revista *Serrote*.

MATERIAIS E MÉTODOS

A atual pesquisa foi realizada através de um levantamento bibliográfico e, além do ensaio “Diante da solidão de Clarice” (MACHADO, 2020) de onde partimos, se valeu de um *corpus* formado por relatos da própria Clarice Lispector em entrevistas, crônicas publicadas pela autora e trechos da obra *A hora da estrela*, que foram articulados com um arcabouço teórico formado pelos escritores Roland Barthes (2017) e Maurice Blanchot (1987). Além disso, recorreremos às observações da escritora Marguerite Duras (1994), que discute a escrita como uma experiência solitária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da recusa de Ana Maria Machado em interferir no processo de escritura do novo livro, Clarice Lispector constatou que estava “mais sozinha do que nunca” (MACHADO, 2020) e teria de seguir, por si só, com o processo de criação do seu novo projeto. Não foi a primeira vez que a autora se confrontou, ou foi confrontada, com a sua solidão. Em 1946, o crítico literário Alceu Amoroso Lima escreveu na orelha de *O lustre*, segundo romance da autora, que Clarice estava “numa trágica solidão em nossas letras modernas” (LIMA, 1946).

A autora, porém, se sentia feliz e realizada em apenas participar do grupo de literatos brasileiros, apesar de ser, por vezes, também isolada dentro dele, como afirmou

na crônica “Pertencer”, de 1968 (LISPECTOR, 2018). Foi, justamente, através de um ato solitário, a escrita, que a autora conseguiu “fazer parte” de algo. A solidão surge, então, para Clarice como uma necessidade para o exercício da sua arte. Essa solidão da escrita, nomeada por Blanchot (1987) de solidão mais essencial aparta o escritor do mundo, desobrigando-o da convivência com os outros, ao passo que essa desobrigação permite que o sujeito se dedique à produção intelectual. A solidão, no entanto, se estende após a conclusão da obra, posto que assim que a escreve, o autor é também apartado da sua produção.

Autores como Duras (1994) e Barthes (2017) se debruçaram sobre a necessidade da solidão do corpo para alcançar a solidão da escrita. Como nos ensina Marguerite Duras, “a solidão da escrita é uma solidão sem a qual o texto não se produz” (DURAS, 1994, p. 14). Para Barthes (2017), é ao ingressar no ateliê da escritura que o corpo se desvencilha do seu próprio imaginário e se encontra livre para produzir. A solidão é, assim, ao mesmo tempo, um ritual e uma libertação.

CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES

As dificuldades enfrentadas por Clarice Lispector, sozinha no próprio processo de criação de *A hora da estrela*, são aquelas impostas pela solidão do autor diante da exigência da escrita. Conforme Duras (1994), o autor, em sua solidão, se vê obrigado a se colocar a serviço da obra e é guiado pela escrita nos caminhos insondáveis do seu próprio processo.

Segundo Andrade, foi “diante da escrita seca e nua, do vazio, da grande solidão da obra (como quer Blanchot) que Clarice Lispector, conforme nos mostram seus personagens, se deparou sempre” (2007, p. 31). Assim, podemos dizer que a solidão essencial aparece em *A hora da estrela* através do personagem-narrador-autor Rodrigo S. M. Clarice se utiliza da voz incomum de S. M. para divagar, também, sobre a solidão na obra: “Quanto a mim, só sou verdadeiro quando estou sozinho.” (LISPECTOR, 2017, p. 95). As revelações de narrador demonstram que a solidão é também uma necessidade e uma imposição: “Eu preciso de algumas horas de solidão por dia senão ‘me muero’” (LISPECTOR, 2017, p. 95).

Em *A hora da estrela*, Rodrigo S. M. nos diz: “Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite.” (LISPECTOR, 2017, p. 52). No ensaio de Ana Maria Machado, também Clarice nos diz: “Estou mais sozinha do que nunca. Agora vou ter de fazer por mim mesma.” (MACHADO, 2020), assimilando a sua própria solidão essencial e apropriando-se dela como força a serviço do seu trabalho.

Não obstante a queixa de Clarice Lispector quanto à solidão no seu processo de criação, esta é essencial para sua escritura. Desse modo, percebemos que a solidão poderia ser fardo para a escritora, mas também era uma aliada para o desempenho do seu trabalho: escrever.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, Maria das Graças Fonseca. **Da escrita de si a escrita fora de si: uma leitura de objeto gritante e água viva de Clarice Lispector**. 2007. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-79ZE8S/1/tese_maria_das_gra_as_f_andrade.pdf. Acesso em: 26 set. 2023.
2. BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação liberdade, 2017.
3. BLANCHOT, Maurice. **O Espaço Literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
4. DURAS, M. **Escrever**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
5. LIMA, Alceu Amoroso. [Orelha do livro]. In: LISPECTOR, Clarice. **O lustre**. Rio de Janeiro: Ed. Agir; 1946.
6. LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela: edição com manuscritos e ensaios inéditos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
7. _____. **Todas as crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
8. MACHADO, Ana Maria. Diante da solidão de Clarice. **Revista Serrote**, 2020. n. 35-36. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2020/12/diante-da-solidao-de-clarice-por-ana-maria-machado/>. Acesso em: 08 out. 2022.